

Mantega: país cresce com duas pernas mancas

Para o ministro da Fazenda, Guido Mantega, o Brasil vem crescendo sustentado por duas "pernas mancas": os efeitos ainda negativos da crise internacional sobre a economia brasileira e a falta de financiamento ao consumo interno. "O crédito para o consumo está escasso no Brasil, ao contrário do crédito para investimento, que é abundante. Para automóveis, não só não está crescendo, como está caindo", exemplificou. Para rente, a visão dele é mais otimista. "Se conseguirmos um vento a favor, ou de popa, a partir da recuperação da economia internacional, e com alta do crédito ao consumidor, teremos duas novas forças dinamizadoras para a economia brasileira", declarou Mantega, durante a abertura do Encontro

Nacional da Indústria 2013, promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Presente ao evento, a presidente Dilma Rousseff fez um balanço dos investimentos em infraestrutura e educação que o governo está realizando e afirmou que o acordo fechado em Bali (Indonésia), na semana passada, no âmbito da Organização Mundial do Comércio, é histórico e representará US\$ 1 trilhão a mais na economia global. "O cenário que se descontina a partir desse acordo beneficiará o Brasil", previu.

A notícia sobre o avanço na facilitação do comércio internacional foi comemorada pelo governo brasileiro, num momento em que o país ainda sofre com entraves ao crescimento, conforme diagnosticou o próprio ministro da Fazenda.

Segundo ele, o país está, desde a segunda metade de 2012, em uma trajetória de recuperação gradual, que, em sua opinião, vai continuar em 2014.

Mantega ressaltou que o investimento no país aumentou 6,5% em 2013, até outubro.

"Receberemos US\$ 200 bilhões em investimentos no país nos próximos dez anos, atraídos pelo Campo de Libra. Para cada US\$ 1 bilhão investido em Libra, serão gerados US\$ 3,3 bilhões de produção na economia", estimou. "Os leilões bem-sucedidos nos fazem pensar que, finalmente, esteja despertando nos empresários o espírito animal", acrescentou, referindo-se ao termo cunhado pelo economista inglês John Keynes, em 1936, para se referir às ações adotadas pelos homens movidos mais pelos instintos, de forma espontânea, do que pelo cálculo.

12 DEZ 2013

Brasil Econômico